UNIVERSIDADE CANDIDO MENDES

CURSO DE TEATRO

ENTRE ROUBOS, ESCADAS, ARTESANIAS E LIBERDADE:
Breve reflexão sobre as ações físicas em Thomas Richards

LUIZA PIZARRO

ESTUDOS DO CORPO

MÔNNICA EMILIO

Rio de Janeiro

2016

Pegar emprestado é um erro.
Só o roubo é justificável.

Pedro Almodóvar

Entre roubos, escadas, artesanias e liberdade:
Breve reflexão sobre as ações físicas em Thomas Richards

LUIZA PIZARRO

Trabalho realizado para a disciplina *Estudos do Corpo* – Profa. Mônnica Emilio – 2016.1

introdução

Opto, aqui, por um relato honesto. Sem grandes reviravoltas ou rococós. Delimito-me, ainda que despida de contornos, de resoluções e de desenlaces limítrofes, à análise específica da partitura em processo na disciplina *Estudos do Corpo*, sob a luz da obra *Trabalhar com Grotowski: sobre as ações físicas*, de Thomas Richards.

Para tanto, principio o meu ensaio, este ir e vir de reflexões a respeito do nosso caminhar coletivo, evocando algumas questões preliminares: o que entendemos por "método das ações físicas"? Por que usar a palavra "física" no lugar de "psicofísica"? Como transpor a metodologia para a prática?

tradição: transmissão e roubo

Crie seu próprio método. Não dependa do meu
como se fosse um escravo. Faça algo que
funcione para você.

Konstantin Stanislávski

Eu poderia recorrer ao parceiro Aurélio Buarque de Holanda ou, simplesmente, deixar passar a informação. Mas o fato é que atribuo ao termo "transmissão" a descoberta da minha roda. Princípio movente. Abri-me ao desconhecido das provocações despejadas

pela professora Mônnica Emilio. Desde as primeiras aulas. Não sabia, exatamente, onde tudo aquilo daria ou se teríamos que dar em algum lugar. Afinal, não demos. Estamos dando. Estamos a dar. E a experiência fala por si. Na prática. A práxis do tentar e tentar outra vez e repetir e fracassar. Mas, sobretudo, de abrir a escuta não apenas dos ouvidos, senão de todos os poros da pele. Para roubar os ensinamentos da educadora, assim, travestindo-me de uma pérfida destituída de escrúpulos e copiar e experimentar e errar e fazer de novo. Um novo cheio de plágio e de original. Um novo rígido em partitura concreta, corpórea, carne e, justamente por este motivo, aberto ao indeterminado. Um roubo sujo e justificável. Um roubo lindo e criador de novos corpos mutantes, gestantes de perpétuas sombras poéticas em contínuo movimento. Em ininterrupto devir.

Deste modo, fiz-me ladra. Ouvi e assumi o conhecimento. Ouvi e aderi o método. Tentativa e erro me fizeram entender a relevância da estrutura. Tentativa e erro me fizeram conhecer a liberdade na estrutura. No simples. Na repetição. No encontro com o espaço. No encontro com o parceiro. No encontro com as atmosferas. No encontro com as ações. Ações físicas. Nem tão abstratas. Mas físicas. Destituídas de invencionices, de fábulas, de adornos. Mas físicas, concretas, simples e só. O imaginário até vem. Pode vir. Depois. O estado até vem. Pode vir. Depois. A relação até vem. Pode vir. Depois. O acontecimento vem. Certamente este vem. Se estou na ação. Física. E só. Estar em. Em oposição ao fazer de conta.

Durante o percurso, conectei-me ao que Grotowski insinuou ser o aspecto *interior* do seu ofício: “Eu utilizo a palavra “transmissão” no sentido tradicional – durante um período de aprendizagem, através de esforços e tentativas, o aprendiz conquista o conhecimento, prático e preciso, de outra pessoa, seu *teacher*”. (GROTOWSKI, p. XII). E se consultei, vez por outra, minha professora a respeito de como resolver determinado problema, buscávamos juntas caminhos possíveis. Com base no processo, não na meta em si. Nesses momentos, eu entendia que bastava me preocupar menos, tentar acertar menos e me entregar ao mergulho profundo. No simples. Sem complicar demais. Aí, então, o processo começou a aquecer. Encostei na vida.

Quando iniciante, equivocadamente associei a entrega artística a algo puramente selvagem, visceral e sem estrutura. Eu costumava me jogar no chão, escorrer pelas paredes, urrar e me mover exaustivamente, sempre em busca de um expurgar dores ou de um acesso direto ao primitivo e à catarse. Mas há vida em toda a parte. Toda esta implosão pode, inclusive, se dar sem preconceitos e não preciso reter. Apenas já não a vejo como via exclusiva. Os vasos comunicantes são distintos e tão diversos que não há motivo para encaixotamentos, catalogações, rotulagem. Hoje, noto que o meu corpo, o mais sensível, íntimo, o mais honesto, parte das ações físicas. Estruturas aparentemente rígidas que, por sua precisão e legitimidade (redijo esta palavra por falta de outra que melhor ocasione, mas, no fundo, gostaria de expressar a não gratuidade de cada escolha), me acionam impulsos mobilizadores. Força motriz isenta de pretensões, mas repleta de desejos. Disparo sem alvo óbvio. Projétil. Um método.

Inspiremo-nos, portanto, no próprio Grotowski que não ignorou a tradição: "Frente a frente com seus antepassados, foi um 'bom ladrão', examinando completamente suas técnicas, fazendo uma análise crítica de seu valor, e roubando tudo o que podia funcionar para ele" (RICHARDS, p. 2). Grotowski não negou o passado e, nele, perseguiu as ferramentas que o instigaram a construir *seu próprio* trabalho.

Stanislávski_Grotovski: as ações físicas
a perspectiva pessoal sobre as próprias investigações

Não temos que amar a nós mesmos na arte,
mas a arte em nós mesmos.

Konstantin Stanislávski

O "método das ações físicas" implicou um abocanhar de um sobre o outro. Dispondo em termos carregados de contemporaneidade, um deglutir para defecar em seguida: do culto antropofágico nasce o novo. E isso não tem nada de novo, na verdade. A criação sempre foi afeita às suas necessidades mais primitivas e fisiológicas. Neste

sentido, literalmente, da boca ao ânus, Grotowski desenvolveu *as ações físicas* tomando-as de uma prática que já havia se tornado central na última fase do trabalho de Stanislávski.

> Nos últimos dez anos de sua vida, Stanislávski deu nova ênfase ao que chamou de "ações físicas". Expôs claramente a sua opinião sobre o que considerava a essência de sua pesquisa: "O método das ações físicas é o resultado do trabalho de toda a minha vida" (MOORE, p. 10)

Tanto Jerzy Grotowski quanto Konstantin Stanislávski, inegavelmente, dedicaram suas vidas à investigação sobre o *ofício*. Segundo Richards, ambos dispuseram de extraordinários empenho e resistência no âmbito privado, tornando-se precursores de revoluções nas artes cênicas: "Se eu olho para as vidas de Stanislávski e de Grotowski, vejo dois processos realmente vivos: vejo que suas investigações, através de esforços pessoais, são como parábolas em constante ascensão". (RICHARDS, p. 4). O ato de "servir" respaldava o modo como os dois entendiam a arte e o processo criativo. O cumprimento do próprio ofício servia a algo que transcendia orgulho e vaidade.

método das ações físicas: uma capacidade nutrida pela prática

> *Vivemos numa época em que nossa vida interior é dominada pela mente discursiva. Essa parte da mente divide, reparte, etiqueta – empacota o mundo e o envolve como se ele fosse "entendido". É essa máquina dentro de nós que reduz o misterioso objeto que oscila e ondeia a uma simples "árvore". Como essa parte da mente comanda nossa formação interior, à medida que crescemos a vida perde seu sabor. Nossas experiências vão se tornando cada vez mais rasas, e deixamos de perceber as "coisas" diretamente, como fazem as crianças, para percebê-las como se fossem signos de um catálogo que já nos é familiar. O "desconhecido", então reduzido e petrificado, passa a ser o "conhecido". Entre o indivíduo e a vida surge um filtro. A mente discursiva, assim como ela é, tem dificuldade de tolerar um processo vivo de desenvolvimento. Como um cachorrinho que tenta reter um rio*

comprimindo-o com seus dentes, essa mente etiqueta as coisas ao nosso redor, e afirma: "Eu entendo". Através desse tipo de "entendimento" criamos mal-entendidos, e reduzimos o que é percebido aos limites e às características da mente discursiva. Normalmente esses mal-entendidos acontecem quando estudamos o trabalho de outra pessoa. O perigo é que acabamos por limitar, reduzir e aprisionar essa pessoa vendo apenas o que queremos ou somos capazes de ver. Desde o início, eu gostaria que ficasse claro que, para mim, Stanislávski e Grotowski são como esse rio bravio. Vou fazer o máximo possível para não ser como um cachorrinho que fica frente a frente com eles e com o trabalho de suas vidas.

Thomas Richards

Confesso que agi atravessada pelo entusiasmo: de uma aspirante que deseja o ofício e ouve. Roubei. Admito também que deflagrei o valor de uma estrutura preparada conscientemente: a escada deve ser construída. Aprendi. Reconheço que sacrifício e labor são gratificantes. Relembrei. Mas há algo fundamental no qual, todavia, não me detive neste ensaio reflexivo: aprender alguma coisa significa conquistá-la na prática. E, em dado momento, tive que transformar o pensamento fora (a elaboração prévia, a crítica excessiva, a tentativa de controle sobre os resultados, o anseio de encostar na imagem idealizada) em pensamento na ação. E tal atitude requer técnica.

De acordo com Richards, é preciso aprender "fazendo" e não por meio da memorização de ideias e de teorias. Estas devem servir apenas para a resolução de um problema prático que se apresenta:

> O trabalho com Grotowski não tinha nada a ver com uma escola onde aprendemos as lições mecanicamente. Tenho certeza de que ele estava tentando ensinar não somente à minha cabeça, mas a todo o meu ser. Ele repetiu várias vezes para mim que o verdadeiro aprendiz sabe como roubar, como ser um "bom ladrão": isso demanda um esforço ativo por parte de quem está aprendendo, porque deve roubar o conhecimento ao mesmo tempo que conquista a capacidade de *fazer*. (RICHARDS, p. 1)

sobre os trilhos, sobre a escada, sobre a técnica

Com certeza, o turbilhão da inspiração pode levar nosso "avião criativo" para além das nuvens [...] sem ter que levantar voo. O problema é que esses voos não dependem de nós e não constituem a norma. Temos a possibilidade de preparar o terreno, colocar os trilhos, o que significa criar as ações físicas reforçadas pela verdade e pela convicção.

Thomas Richards

Durante a criação da minha partitura física especificamente, experimentei dias bons e outros nem tanto. Algumas tentativas frustradas denunciavam racionalização em excesso, fabricação de formas e de gestos ou antecipação de ideias que não exatamente nasciam do jogo/circunstância. Foi mesmo ao me aproximar da estrutura mais organizada, consciente da disciplina que a partitura impõe que, aos poucos, fui sendo tomada pela sensação de prazer e de liberdade. Descobri a fisicalidade em meu processo físico vivo, que me deu suporte a um grito quase infantil. A inocência da criança veio à tona porque, agora, eu podia brincar. E com diferentes qualidades, sensações, estados. Notei, justamente, que não preciso buscar o estado emocional previamente e, hoje, as palavras de Stanislávski ecoam com muita naturalidade por dentro: "Não me fale em sentimentos. Não podemos fixar sentimentos. Só podemos fixar ações físicas" (RICHARDS, p. 14).

> Sendo um jovem ator, eu não tinha ideia de quanta mestria fosse necessária no ofício. É por isso que agora eu gostaria de ressaltar que a escada é necessária. Essa é a nossa técnica enquanto artistas, e não importa se nos sentimos muito criativos ou não; sem técnica, não temos nenhum canal para a nossa força criativa. Técnica significa artesanato, um conhecimento técnico do nosso ofício. Quanto mais forte for sua criatividade, mais forte deve ser seu ofício, para que você alcance o equilíbrio necessário que permitirá que seus recursos fluam plenamente. Se não temos esse nível básico, com certeza caímos na lama. (RICHARDS, p. 6)

considerações finais

As seguintes palavras não são minhas. Não são suas. Apenas as tomei emprestadas de Thomas Richards. E as faço minhas, por fim. Sem qualquer forma última. Como num sistema de espelhos a oferecer à imagem o seu infinito agir.

Minha esperança é que o trabalho sobre as ações físicas possa encontrar uma utilidade prática maior entre grupos de teatro que buscam melhorar a qualidade do seu trabalho. Espero que eles se perguntem continuamente ao que podem servir com seu ofício, que não seja à vaidade e ao bolso, para que sejam capazes – de coração – de se chamarem de "artistas".

Para quê uma pessoa trabalha? Para ser um produto vendável? Seu trabalho está a serviço de quê? Ao que ela serve com o próprio trabalho?

Quem está aprendendo vai viver inevitavelmente momentos de fracasso. Mas esses "fracassos" são absolutamente essenciais, porque é nessa hora que o aprendiz começa a ver com clareza como avançar no caminho certo.

É provável que cada um, em diferentes níveis, sinta a necessidade de servir a alguma coisa maior ou mais nobre com seu trabalho. Mas certas pessoas, pela persistência de seus esforços, transformam esse sentimento em ação. Não "ficam paradas no mesmo lugar", mas se empenham numa luta contínua voltada para o crescimento pessoal, sem nunca sucumbir à estagnação. O crescimento consciente não acontece nem acidentalmente nem por si só. Essas pessoas trabalham com constância e, através de seus esforços, tentam servir a algo que está além delas. Chegam com frequência a grandes descobertas, e também com frequência são muito mal-compreendidas.

referências

MOORE, Sonia. *The Stanislavski System*. Prefácio: Joshua Logan. Nova Iorque: Penguin Books, 1984.

RICHARDS, Thomas. *Trabalhar com Grotowski sobre as ações físicas.* Prefácio e ensaio: Jerzy Grotowski. Tradução: Patricia Furtado de Mendonça. São Paulo: Perspectiva, 2012 (Estudos, 296). Título original: *At work with Grotowski on physical actions*.

TIRARD, Laurent. *Grandes diretores de cinema*. Tradução: Marcelo Jacques de Moraes. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009. Título original: *Moviemakers' master class: private*.